

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JB Class.: ECO-92 4φ

Data: 28/5/92 Pg.: 8 - Ecologia

Uma verdadeira torre de Babel

Marco Antonio Cavalcanti

■ *Variedade de dialetos dificulta comunicação entre os índios na Kari-Oca e os temas passam a ser discutidos nos idiomas dos colonizadores*

Octavio Guedes

A miscelânea de línguas ainda é o principal obstáculo para o entendimento dos povos indígenas reunidos na Kari-Oca. Mesmo com a determinação de não utilizarem idiomas nativos e se expressarem na língua dos colonizadores — espanhol, português e inglês —, houve problemas de comunicação. Os



organizadores da conferência decidiram cancelar as reuniões plenárias, nas quais todas as delegações participavam, preferindo formar grupos separados de cada idioma.

Desde ontem, os temas são debatidos separadamente e só as conclusões serão levadas à grande plenária, quando haverá tradução para as três línguas. "Estávamos perdendo muito tempo com a reunião conjunta", explicou um dos representantes do Conselho Mundial dos Povos Indígenas, Rodrigo Contreras. As conclusões finais constarão de um documento que, segundo promessa do secretário-geral da ONU para a Rio-92, Maurice Strong, será lido para os chefes de Estado. A agenda de ontem previa debates sobre os direitos dos povos indígenas e estratégias para seu desenvolvimento, territórios e meio ambiente.

As equipes estrangeiras de jornalismo que não contrataram intérpretes estão recorrendo aos serviços do índio Rosaldo Terena, rebatizado como Rosaldo de Albuquerque Souza, 18 anos. Filho de índia da extinta tribo kinikinau com um homem branco, Rosaldo foi criado pelos terenas mas estudou em escolas de Campo Grande, em Mato Grosso. Por isso, além de dominar o guarani e o idioma dos terenas, ele fala português e até inglês.

Com um dicionário Português-Inglês à mão, Rosaldo serviu de intérprete para o pintor norte-americano Stanley Spielman, 58 anos, da Flórida, que visitou ontem a Kari-Oca. Há 22 anos, Stanley se dedica a fotografar e fazer pinturas a óleo de indígenas, por acreditar que dentro de mais alguns anos esses povos estarão extintos. "Serão dizimados como foram os índios norte-americanos", prevê.

A paixão de Stanley por quadros com indígenas começou com uma viagem à África, onde ele ficou maravilhado com a beleza dos nativos. Depois, visitou Peru, Equador, Nova Guiné e, finalmente, veio para o Brasil.



O índio Rosaldo de Albuquerque Sousa serve de modelo e intérprete para o norte-americano Spielman